



*Tear Online* é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## **MÍSTICA E COMUNHÃO CRISTÃ: O QUERIGMA, A LITURGIA E A DIACONIA À LUZ DA ATENÇÃO PLENA E CONTEMPLATIVA (ATENÇÃO PROFUNDA)**

---

### **Mystic and Christian Communion: Kerygma, Liturgy, and Diakonia in the Light of Mindfulness and Contemplative Attention (Deep Attention)**

Michael Richard Reiner\*

#### **Resumo:**

Esse trabalho objetiva pensar a 'Experiência de Deus' (Mística) a partir da Comunhão Cristã, nela reunidas as dimensões da proclamação das boas-novas (querigma), da celebração/adoração a Deus (liturgia) e do serviço ao próximo (diaconia). Ao reconhecer esses elementos na dinâmica de vida daqueles que creem, e considerando a natureza não-dualista da fé em Jesus Cristo – sua espiritualidade no corpo (encarnação) –, buscaremos apresentar uma perspectiva de 'mística' que se abre para a vivência comunitária, aproximando-a da interiorização e pessoalidade típicas do Encontro com o Sagrado. Nesse percurso, a noção de Atenção Profunda (Atenção Plena e Atenção Contemplativa) fornecerá as bases para a compreensão e interpretação desse modo de viver a espiritualidade, ao lado de conceitos retirados da Psicologia Analítica.

**Palavras-chave:** Comunhão Cristã. Mística. Encarnação. Atenção Profunda.

**Abstract:** This work aims to reflect on the 'Experience of God' (Mystic) through the lens of Christian Communion, encompassing the dimensions of proclaiming the good news (Kerygma), celebrating/worshiping God (Liturgy), and serving others (Diakonia). By recognizing these elements within the life dynamics of believers and considering the non-dualistic nature of faith in Jesus Christ - its embodied spirituality (incarnation) - we seek to present a perspective on 'mystic' that embraces communal living, bridging it with the interiorization and personal aspects typical of the Encounter with the Sacred. Along this path, the concept of Deep Attention (Mindfulness and Contemplative Attention) will provide the foundation for understanding and interpreting this way of living spirituality, alongside concepts drawn from Analytical Psychology.

**Keywords:** Christian Communion. Mystic. Incarnation. Deep Attention.

---

\* Michael Richard Reiner estudou Direito na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Teologia na Faculdade Unida de Vitória (FUV). Pós-graduou-se pela Faculdade de Teologia Evangélica em Curitiba (FATEV) e na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo (EST). Curitiba, PR, Brasil. michaelrichardreiner@gmail.com.

No céu é o cristão livre daquilo que ele quer ser livre aqui, livre do instinto sexual, livre da matéria, livre da natureza em geral.

Ludwig FEUERBACH

A concepção bíblica afasta-se propositadamente das versões espiritualistas. Ela defende uma visão unitária do ser humano, em que o corpo nunca é visto como um revestimento exterior do princípio espiritual ou como uma prisão da alma [...].

José Tolentino MENDONÇA

## 1 Introdução

O esgotamento gerado pelo *racionalismo* e pelo *individualismo* modernos tem despertado um renovado anseio por *vida* e *transcendência*. A espiritualidade contemporânea há muito rompeu com as linhas normativas da religião institucionalizada, trazendo à tona novas questões e desafios. Nesse contexto, o debate acerca dos aspectos inaugurais da *Experiência Cristã* ganha força, demandando leituras que dialoguem com essa realidade<sup>1</sup>.

A encartada proposta de integrar a Mística Cristã à *dinâmica comunitária* procura resgatar uma forma de devoção e prática mais sensível às complexidades e anseios do *espírito pós-moderno*, voltando-se para um “discurso vivencial e narrativo que inclua outras formas de racionalidade”<sup>2</sup>. Ao se afastar das visões *dualistas* e *espiritualistas* com que se interpretam o sagrado, a perspectiva de uma mística *encarnada* reafirma a unidade *corporal* da espiritualidade humana.

Inicialmente, essa experimentação surge em termos de *enfrentamento interior*. A “*negação*” do *falso eu* – jamais o desprezo pelo corpo – é que caminha na direção do *Novo Nascimento* anunciado por Jesus (Lc 9.23). Todas as nossas relações – com o próximo (o *outro*), consigo mesmo (o *self*), com a natureza (o *cosmos*) e com o Sagrado –, são por esse fato ressignificadas. Deus passa a ser percebido como *tudo em todos* (1Co 15.28; At 17.28).

Baseados nesses pressupostos é que nos aproximaremos do *querigma*, da *liturgia* e da *diaconia* como dimensões místicas. Tratando-se de experiências

<sup>1</sup> Há um “cansaço em relação ao consumo e à acumulação de bens materiais. **Emerge uma espiritualidade, não como expressão de uma religião, mas como um dado antropológico de base.**” BOFF, Leonardo. *Entrevista: A razão sensível*. Rev. *Página 22*, out. 2014, p. 34 – grifo nosso.

<sup>2</sup> MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. **Deus Ineffabilis**: uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos. São Paulo: É Realizações, 2016, p. 87.

fundantes da fé cristã, elas podem ser vivenciadas como movimentos *de transcendência*, elevando-nos a Cristo, o *verdadeiramente humano*. A oração, o silêncio e a meditação, que têm na *atenção* a sua chave de compreensão, emergem como expressões de *fé, seguimento e transformação*.

Na *Atenção Profunda*<sup>3</sup>, as disciplinas contemplativas têm o potencial de nos conscientizar da *encarnação* e da *ressureição* de Cristo como experiências diárias da *Presença de Deus* e do *presente*<sup>4</sup>, sustentadas a partir da comunidade de fé.

## 2 Aproximando-se da Mística

Apesar de sua evidenciada *deterioração semântica*<sup>5</sup>, o uso do termo "Mística" se mantém distintivo na tradição cristã por identificar uma forma de "Experiência de Deus" diretamente relacionada com as práticas da *Vita Contemplativa*.

Embora não seja o objetivo deste trabalho conceituar a *Mística Cristã*, é importante frisar que não devemos associá-la a qualquer espécie de manifestação exotérica ou de piedade não fundamentada, e tampouco reduzi-la a uma atividade estritamente especulativa ou intelectual. De outro lado, é forçoso reconhecer que há, ao menos no Ocidente, um notório *divórcio* entre a *teologia* e a *mística*<sup>6</sup>, mesmo dentro da tradição Católica Romana. Já em ambientes evangélicos, a própria terminologia é vista com suspeitas e distorções.

No ponto, Anselm Grün nos informa que, em geral, a teologia protestante "sempre foi cética com relação à mística, por considerar a ênfase da experiência divina

<sup>3</sup> O termo 'Atenção Profunda' será aqui utilizado para abranger a Atenção Contemplativa e a Atenção Plena (*mindfulness*). Embora distintas, elas possuem convergências quanto às noções de presente ('estar presente', no tempo presente'), compaixão, aceitação (julgamento) e entrega. Tais posturas, centrais para a mística, aparecerão de forma dinâmica ao longo desse trabalho. Por nutrirem uma visão integral da existência e do humano, as disciplinas abrangidas nessas práticas são essenciais para o desenvolvimento das bases psicológicas (de 'disposição psíquica') e das ferramentas intelectuais necessárias para romper com o racionalismo fragmentador da modernidade.

<sup>4</sup> "Os que experimentam o mistério são os místicos. A experiência do mistério não se dá apenas no êxtase, mas também, cotidianamente, na experiência de respeito diante da realidade da vida." BETTO, Frei e BOFF, Leonardo. **Mística e Espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 55.

<sup>5</sup> Segundo Henrique Vaz, essa deterioração caminhou para a significação de uma "espécie de fundamentalismo, com forte conteúdo passional e larga dose de irracionalidade", distanciando-se de sua conotação original de "forma superior de experiência religiosa, [...], que se desenrola normalmente num plano transracional – não aquém, mas além da razão". VAZ, Henrique C. Lima Vaz. **Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 9.

<sup>6</sup> Esta crise transformou 'a teologia dogmática e a mística ou a teologia e a espiritualidade', em 'categorias mutuamente excluentes'. LOUTH, Andrew. **The Origins of the Christian Mystical Tradition: From Plato to Denys**. 2nd. Ed. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. x-xi – Trad. nossa.

incompatível com o conceito da salvação por Jesus Cristo”, como se fosse algo que “aniquila a fé na justificação”<sup>7</sup>. Apenas mais recentemente pensadores como Paul Tillich, Ernst Troeltsch e Albert Schweitzer classificaram “os fenômenos da mística de modo menos crítico”<sup>8</sup>. Por essa razão, o *aspecto eclesial* da mística deve ser visto como um parâmetro integrativo importante entre a ‘*dogmática*’ e a *espiritualidade*. Apartadas da dinâmica de *fé comunitária-escriturística*, quer a *reflexão*, quer a *prática* em torno da *Experiência de Deus*, não alcançam a sua legitimidade.

A *Mística Cristã* é incapturável pela pura racionalização da crença e insustentável sem um *Encontro* com Cristo.

## 2.1 A mística e a crise religiosa da modernidade

Não obstante o apressado anúncio do *fim da religião* pela modernidade, o interesse pela *espiritualidade* nunca cessou de se renovar<sup>9</sup>. Hoje, mais do que a mera *curiosidade* ou *satisfação intelectual*, a necessidade de *experimentar* algo que aponte para *além de si mesmo* surge como o ponto crítico em que a *mística* se conecta com os anseios da contemporaneidade. O descrédito das promessas do racionalismo, a carência de experiências significativas e a busca por autenticidade são marcas do mundo atual.

Nesse sentido, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han oferece interessantes percepções para compreendermos a ligação entre a crise do racionalismo moderno e o cansaço das sociedades pós-modernas, destacando a pertinência das posturas da *vida contemplativa*. A racionalidade hodierna, baseada na busca incessante pela produtividade e eficiência, fez ascender, conforme Han, uma *cultura do excesso*, em que a pessoa está sempre sob constante pressão para produzir, consumir e se autogerenciar, resultando em um estado de *fadiga mental* e *esgotamento emocional* generalizado. As exigências da ‘atenção *multitasking*’ e da hiperatenção estão na base das ‘epidemias’ de *stress*, *burnout* e *burnon*<sup>10</sup> que estampam os jornais.

<sup>7</sup> GRÜN, Anselm. **Mística**: descobrir o espaço interior. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 86-87.

<sup>8</sup> GRÜN, 2014, p. 87.

<sup>9</sup> Os pensadores iluministas propagavam a ideia de que a razão, a ciência e o desenvolvimento humano poderiam, em última instância, suplantam a religião, considerada como um mero esforço de conhecimento *pré-científico*. O *racionalismo*, o *empirismo*, bem como o *ressentimento* com o *poder* eclesiástico, fomentaram o estabelecimento dessa proposta.

<sup>10</sup> O *burnon*, diferentemente do *burnout*, é um tipo de *depressão crônica* de exaustão que continua nos fazendo “funcionar”. Ela nos rouba toda a energia vital e, apesar de gerar uma grande pressão/sofrimento, não ocasiona

A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma **atenção profunda**. Essa atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção (*hyperattention*). Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos. E visto que ela tem uma tolerância bem pequena para o tédio, também não admite aquele tédio profundo que não deixa de ser importante para um processo criativo.<sup>11</sup>

Daí identificar Han que há, nos vigentes arranjos sociais e de mercado, uma clara sobreposição das figuras do *opressor* e do *oprimido* no mesmo sujeito. Sob o rótulo da ‘eficiência’, a própria pessoa abre mão de sua liberdade:

Precisamente frente à vida desnuda, que acabou se tornando radicalmente transitória, reagimos com hiperatividade, com a histeria do trabalho e da produção. Também **o aceleramento de hoje tem muito a ver com a carência de ser**. A sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre. Elas geram novas coerções.<sup>12</sup>

É nesse cenário que a vida contemplativa/mística emerge como uma resposta. Diferentemente da lógica da produção incessante, a *Mística* valoriza o tempo dedicado à reflexão, à interioridade, à pausa e ao silêncio e informa, *na medida dessas qualificadoras*, quais são as *ações pertinentes*. A Mística Cristã nunca se dá a par de um engajamento que igualmente leva à transformação de realidades pessoais, coletivas e sociais (1Jo 3.18 e 4.20).

Por meio da contemplação o ser humano pode encontrar um lugar de descanso e recuperação, permitindo religar-se consigo mesmo, com o mundo e com Deus de forma mais significativa. No cultivo da *Atenção Profunda*, a pessoa encontra alívio para o esgotamento, *deixando-se permear pela emergência de uma nova forma de ser e de habitar o mundo*, mais integrada com a sabedoria, a serenidade, a justiça e a autenticidade<sup>13</sup>.

Portanto, a anunciada *crise da religião* não significa necessariamente a obsolescência dos ensinamentos e tradições ou o enfraquecimento da capacidade de

---

um colapso, mas sim consequências graves para a saúde mental e física. O termo foi cunhado pelos psicólogos alemães Bert te Wildt e Timo Schiele na obra **Burn On: Immer kurz vorm Burn Out: Das unerkannte Leiden und was dagegen hilft** (em tradução livre: "Burnon: Sempre à beira do Burnout: A aflição não reconhecida e o que ajuda contra ela". 1ª ed. Munique: Droemer HC, 2021).

<sup>11</sup> HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 33 – grifo nosso.

<sup>12</sup> HAN, 2017, p. 46 – grifo nosso.

<sup>13</sup> A Mística envolve um caminho de *não-poder e entrega*. Nada está sob nosso controle. Mesmo a experiência com Deus não é “minha”, mas é “Experiência de Deus – em mim e através de mim – do qual eu sou consciente”. PANIKKAR, Raimon. **Ícones do Mistério: A experiência de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 102. A Mística Cristã se declina em um contínuo *genitivo subjetivo*. Tudo é Graça.

mobilização religiosa. A problemática se concentra, antes, na perda de *ordem qualitativa* da própria *experiência sagrada*, ligada à *atenção*<sup>14</sup>:

A crise atual da religião não pode ser atribuída simplesmente ao fato de termos perdido toda fé em Deus ou de nos tornarmos desconfiados em relação a certos dogmas. **Em um nível mais profundo, essa crise aponta para o fato de que estamos perdendo cada vez mais a capacidade contemplativa.** A crescente obrigação de produzir e comunicar dificulta a pausa contemplativa. A religião pressupõe uma atenção particular. Malebranche descreve a atenção como a oração natural da alma. Hoje, a alma não ora mais. Hoje, a alma se produz. Devido à sua hiperatividade, pode-se atribuir a ela a responsabilidade pela perda da experiência religiosa. **A crise da religião é uma crise da atenção.**<sup>15</sup>

Em outras palavras, a “crise atual das Igrejas e religiões históricas reside na ausência sofrida de uma experiência profunda de Deus”<sup>16</sup>, demandando uma franca *autoavaliação* em torno do que significa essa *perda da capacidade contemplativa* e de *percepção mística*.

## 2.2 Por uma Mística encarnada

Não obstante manifestar a *Mística Cristã* uma Experiência de Deus absolutamente *encarnada*, cuja expressão máxima está em Jesus Cristo e sua *ressurreição*, é evidente que a tradição e cultura cristãs nem sempre incorporaram, em sua plenitude, a espiritualidade subjacente a esses eventos.

Isso parece se dever, em alguma medida, à influência do *dualismo* grego nas elaborações metafísicas adotadas pela teologia, ainda que não transpostas de forma completa ao seu sistema e organização comunitária<sup>17</sup>. Nesse sentido, a construção *atual* da Mística Cristã enfrenta o desafio de não apenas ter que *preservar* as reflexões

<sup>14</sup> Essa *atenção*, em termos religiosos, pode também ser enquadrada em termos de *reverência* e *temor*. Sem *atenção*, tudo se *automatiza* ou mesmo se *banaliza*.

<sup>15</sup> HAN, Byung-Chul. **Vida Contemplativa**: Elogio de la inactividad. Barcelona: Penguin, 2023. p. 107 – grifo nosso – trad. nossa.

<sup>16</sup> BETTO; BOFF, 2010, p. 57.

<sup>17</sup> Para Jung, o *dualismo grego* avançou para as camadas mais profundas do *inconsciente coletivo* e acabou por limitar o potencial de verticalização espiritual da mente ocidental típica. Daí afirmar o mestre suíço que o sujeito ocidentalizado não consegue atingir de modo adequado a mensagem presente nas filosofias e religiões orientais, pois não retém ou vivencia a sua integralidade corpo-mente/espírito (*corpo sólido*). Por se encontrar fragmentado, ele tem uma *disposição psíquica* diversa. JUNG, Carl Gustav. **Espiritualidade e Transcendência**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 224-225.

significativas do passado, mas, principalmente, de *refinar* gradualmente aquelas que não consideraram adequadamente a dimensão corpórea da espiritualidade humana<sup>18</sup>.

Na América Latina, *por exemplo*, temos uma importante *inflexão* quando teólogos do século XX começaram a recuperar a face de Deus no rosto dos vulneráveis, promovendo uma solidariedade *encarnada*. Essa viragem, conforme enfatiza Maria Clara Bingemer, revelou um movimento que não era somente ético e político<sup>19</sup>, mas também *místico*<sup>20</sup>. A experiência evidenciada era de uma *mística de olhos abertos*, que toca a alma e o chão da vida. De movimentos como este é que podemos colher testemunhos de um revigoramento da espiritualidade sentida na *vida simples e cotidiana*, presente entre pessoas *comuns* e de todas as *partes*. Uma *Mística* que tem no homem Jesus o parâmetro *concreto* de seguimento e *experiência com o Pai*:

Uma pessoa espiritualizada é aquela que **sempre está atenta** e se pergunta: o que Deus está dizendo com isso e com aquilo que estou vivendo? Que lição Ele me quer transmitir? Que chance de crescimento está me proporcionando? Deus vem então misturado com todas as coisas. Todas as coisas têm um outro lado. Nesse outro lado estão Deus e seu desígnio. Esforçar-se **para captar e sentir Deus e decifrar seu desígnio** é o que a pessoa espiritual e espiritualizada procura com diligência fazer. Então se percebe que o visível é parte do invisível. Que ambos perfazem toda a realidade. E que esta realidade é carregada e conduzida misteriosamente por Deus.<sup>21</sup>

Quer dizer, a **atenção profunda**, contemplativa, **da Presença Divina**, leva ao *discernimento de si* e ao *amor doador* (alteridade). Tudo é *permeado pelo sagrado*. No centro desse caminho está a *escuta interior*, a *simplicidade* de vida, a prática da *oração contemplativa* e a abertura ao *mistério divino*. Trata-se do *exercício* de um *Encontro* que é pessoal e único, porém fortalecido na comunhão e em comunidade,

<sup>18</sup> A visão *unitária* do ser humano é essencial para a fé cristã e sua *mística*. Contrariamente, o **dualismo**, junto da **perda** gradual da **capacidade contemplativa** (de **atenção profunda**), figuram entre os fatores determinantes para a atual **crise** da espiritualidade ocidental.

<sup>19</sup> O elemento político só *não* se apresenta captativo da *mística* em sua *lógica de poder* quando é o reflexo ou desdobramento do próprio *querigma evangélico* acerca do *Reino de Deus e de sua Justiça*. Ou seja, o caráter *Político* precisa ser lido como uma implicação da *Mística Cristã*, não o reverso. Vaz chama a atenção para o *perigo* da captação da *mística* pela *política* (que é, na sua ótica, a maior *perversão espiritual* existente), na medida em que política e *mística* são “as duas formas mais altas de autorrealização do indivíduo na sua abertura para o Absoluto e para o Outro.” Ao canalizar a *mística* para seus desígnios e *projetos de poder*, a política coopta as “energias psíquico-espirituais despertadas no ser humano pelo apelo do Absoluto”, voltando-se para uma *pseudoexperiência* que é *idólatra*, pois fomentada por uma ideologia de divinização do político. VAZ, 2015. p. 13-14.

<sup>20</sup> LOSSO, Eduardo Guerreiro; BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcos Rei. **A Mística e os Místicos**. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 35

<sup>21</sup> BETTO; BOFF, 2010, p. 40-41 – grifo nosso.

na qual é vivenciada e partilhada a experiência da compaixão, da solidariedade e da União com Deus:

**Jesus** foi um homem místico: Ele **realizou Deus em si**. [...] Na oração, ele encontra a sua natureza. Em sua pregação, Ele quer nos falar de Deus, de modo que também possamos vivenciá-lo. [...] Suas parábolas são, por assim dizer, a arte de nos conduzir à experiência divina.<sup>22</sup>

Por isso afirma Anselm Grün que o Novo Testamento “não é, em princípio, um ensinamento sobre Jesus Cristo, e sim uma incursão na vivência de Jesus Cristo e, por meio dele, na Experiência de Deus”<sup>23</sup>.

Lendo o Evangelho de Lucas, Grün sustenta que a *experiência mística de Deus* é marcada por uma *nova atitude*, uma *transformação*, que “clama por um novo ato, um **entendimento conciliatório que detém a ruptura** que costuma acompanhar os relacionamentos humanos”<sup>24</sup>. Toda experimentação é direcionada pela imagem da Ressurreição de Jesus, que nos “leva também a uma nova experiência de nós mesmos”<sup>25</sup>. Entramos “**em contato com nosso ser verdadeiro, onde está o Cristo em nós**”<sup>26</sup>.

Por isso, na escola do Evangelho de João, Grün observa que os discípulos vão a Jesus para *contemplar* como Ele vive, “um ato de ver para perceber Jesus, para observá-lo e olhar para Ele de olhos abertos. **A fé é um olhar profundo**. No homem Jesus eu vejo Deus, o amor de Deus que nele se manifesta, e a glória de Deus que nele reluz”<sup>27</sup>. A *experiência vivida* é a do Deus que *em nós habita* para antes de qualquer promessa ou porvir. Ela já se faz presente pela *vivência e permanência* Nele (Jo 14.23; 15.4) e Dele em nós: “Reciprocamente, Deus e o Cristo também habitam em nós. Cristo é o cerne interior, através do qual encontramos nosso EU verdadeiro”<sup>28</sup>.

Será precisamente essa *União e Unidade* testemunhada no Evangelho de João que encontraremos na *Mística* do Apóstolo Paulo. Na linha de Gálatas 2.19, parafraseia o monge de Münsterschwarzach:

Já não é o nosso ego que vive, é o nosso verdadeiro eu que vive em nós [...]: Cristo transmitiu às pessoas a esperança de passar do ego limitado para o

<sup>22</sup> GRÜN, 2014, p. 29 – grifo nosso.

<sup>23</sup> GRÜN, 2014, p. 38.

<sup>24</sup> GRÜN, 2014, p. 30 – grifo nosso. O ‘erro de alvo’ (o pecado), que está na base de toda disrupção humana, é a superação operada por Cristo (salvação), que a *tudo* reconcilia (2 Co 5.18-19).

<sup>25</sup> GRÜN, 2014, p.31.

<sup>26</sup> GRÜN, 2014, p. 31 – grifo nosso.

<sup>27</sup> GRÜN, 2014, p. 32 – grifo nosso.

<sup>28</sup> GRÜN, 2014, p. 33.

*self*, que abarca áreas conscientes e inconscientes da alma humana. A alma de cada ser humano é um espaço maternal no qual nasce Deus [...] quando Deus nasce dentro de mim entro em contato com a imagem singular que Ele tem de mim. [...] Ele me permite entrar em contato com minha essência original e autêntica, com o brilho que Deus atribuiu a cada pessoa na hora de sua criação. Mas o nascimento de Deus significa também que Ele **impregna** todas as minhas **forças psíquicas e físicas**, e assim se torna cada vez mais humano em mim.<sup>29</sup>

Encontramos uma nova identidade que ultrapassa o mero contato *com o Cristo* para alcançar um *ser em Cristo*: “uma plena transformação no Cristo, passando a ser Cristo o nosso verdadeiro ser, o cerne de nossa personalidade interior; vivemos em função dele, e não mais em função do ego”<sup>30</sup>.

O ser humano se descobre *um* em Deus e *um* em si mesmo<sup>31</sup>. Cristo é reconhecido no *próximo* e em toda a *natureza* (At 17.28). Na *Atenção Profunda* contemplamos a *Transparência* do Deus que a tudo permeia<sup>32</sup>:

Transparência significa a presença da transcendência dentro da imanência. Em outras palavras, significa a presença de Deus dentro do mundo e do mundo dentro de Deus. Essa presença transforma o mundo de meramente imanente em transparente para a transcendência presente dentro dele. O mundo não é negado, mas afirmado. Contudo ele não é apenas mundo; é o lugar e a própria manifestação emergente daquilo que é mais do que mundo, isto é, do Transcendente, de Deus.<sup>33</sup>

### 3 A ‘Experiência de Deus’ na tríade da comunhão

Nos parágrafos anteriores foram mencionados alguns fundamentos para a compreensão de uma *Mística* convergente em *Jesus Cristo*, nosso *Eu verdadeiro*.

Dietrich Bonhoeffer, ao refletir acerca da *comunhão*, sustenta que, *sem Cristo*, “não conheceríamos o irmão nem poderíamos encontrá-lo. O caminho está bloqueado pelo próprio **eu**”<sup>34</sup>. Jesus, segue Bonhoeffer, é quem “desobstruiu o caminho que leva a Deus e ao irmão”<sup>35</sup>.

<sup>29</sup> GRÜN, Anselm e BOFF, Leonardo. **O Divino em nós**. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 35 e 37 – grifo nosso.

<sup>30</sup> GRÜN, 2014, p. 37.

<sup>31</sup> A *individuação* é um processo de desenvolvimento em que uma pessoa se torna distinta e única, integrando os diferentes aspectos de sua personalidade em um todo coeso. A *individuação* envolve impulsos de confronto e reconciliação de opostos internos, como o consciente e o inconsciente, o ego e o *Self*. É uma jornada profundamente influenciada pelos *arquetipos* e pela própria *psique coletiva*.

<sup>32</sup> Consulte, nesse sentido: ADAM, Júlio César; REINER, Michael Richard. **Silêncio e Mindfulness**: perspectivas para o desenvolvimento de uma espiritualidade cristã. Rev. Pistis Praxis, [S. l.], v. 14, n. 3, dez. 2022, p. 842.

<sup>33</sup> BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus**: A Transparência de Todas as Coisas. Campinas: Verus, 2002, p. 31.

<sup>34</sup> BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. 3ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.14. O ‘falso eu’ obstrui todas as formas de relacionamento, principalmente *consigo mesmo*.

<sup>35</sup> BONHOEFFER, 1997, p.14.

Em outras palavras, a *Comunhão Cristã* só se realiza por meio do evento *Cristo* em nós. Ela não se resume ao mero encontro de pessoas que compartilham crenças, interesses ou ações comuns. Nela, é o próprio Cristo que habita a minha vida e a vida do *outro* (Ef 2. 21-22). Ao reconhecer Cristo no *próximo*, também me reconheço verdadeiramente<sup>36</sup>. Deus se mostra *presente*. Fruto de um *estado de oração*, de uma *atenção contemplativa*, reverente e profunda, a comunhão anuncia o Corpo de Cristo<sup>37</sup>. E não é somente o *humano* que se junta a esse *Corpo Místico*. O Espírito nos irmana com toda a *natureza*. Porém, é na comunidade que essa *experiência sagrada* se historiciza. Será a partir do *Corpo do Cristo Ressurreto* – retratado na imperfeição da instituição *comunitária* – que a *experiência cristã de Deus* será manifestada, vivida e interpretada<sup>38</sup>.

No livro de Atos lemos que a *Igreja Cristã* buscava, em seus rudimentos, honrar as dimensões (1) da proclamação/ensino, (2) da adoração/celebração e (3) do serviço/intercessão (At. 2.42-47; 4.32-33) como uma *teofania*, uma materialização do *Reino de Deus* entre os que compartilhavam a fé. A *identidade, conservação e vivência* da Boa Nova os levava a se enxergarem como *um só coração* (At 4.32). Nas manifestações do *querigma*, da *liturgia* e do *serviço*, o *Encontro* era experimentado:

É precisamente aqui, quando percebemos que contemplação e ação estão unidas no amor cristão, que começamos a discernir o que é verdadeiramente distintivo na mística cristã, o que a diferencia da mística platônica e, de fato, de qualquer mística não cristã. Pois o amor cristão é o amor de Cristo que nos une a ele e, através dele, uns aos outros. E assim, a teologia cristã, e em particular a teologia mística cristã, é eclesial; é o fruto da participação no mistério de Cristo, que é inseparável do mistério da Igreja.<sup>39</sup>

### 3.1 Mística e Kérygma

O *querigma*, na tradição cristã, reporta-se ao “primeiro anúncio” do Evangelho, à divulgação da Mensagem de Jesus àqueles que não a conheciam. Os termos gregos

<sup>36</sup> Ou seja, quando o *eu egóico* é redimensionado há margem para que o *verdadeiro Eu* prevaleça (*Cristo em nós*), estabelecendo-se a *comunhão*. A *experiência comunitária de Deus* em Cristo se dá *por meio da alteridade daqueles* que estão reunidos em torno do Seu Nome (Mt 18.20)

<sup>37</sup> A *Comunhão Cristã* é essencialmente *mística*. Passamos a participar da *pericórese* divina, da “interpenetração do Criador com a criatura de tal forma que não vigora apenas a Transcendência divina face à Imanência da criação (um não é outro)”, mas uma dinâmica que a tudo interliga. (GRÜN; BOFF, 2017, p. 129). Somos Corpo de Cristo: 1Co 12.4, 12 e 27; Rm 12.4-5 Ef 4. 4 e 16; 5.29-30; Cl 1.15, 18 e 24; etc.

<sup>38</sup> A *experiência mística cristã* é dotada de *historicidade* na medida em que aparece por meio da humanidade e do mundo. BOFF, 2002, p. 33.

<sup>39</sup> LOUTH, 2007, p. 194 – trad. nossa.

utilizados - *kérygma* e *kéryssos* - têm no substantivo *keryx* a sua origem, significando o anunciador, o proclamador, o arauto ou o pregador.

O querigma de Deus, no entanto, é uma pessoa. Nessa pessoa está o Reino dos Céus e a Justiça. Ele é a Palavra Encarnada, a manifestação visível do Deus invisível (Jo 1.1; Col 1.15), Jesus. O *Kérygma* é a proclamação de Sua encarnação, vida, morte e ressurreição. Nenhum desses aspectos pode ser separado ou destacado da Mensagem. Trata-se de um conjunto, uma integralidade. Em Jesus Cristo, Deus é anunciado como *história da salvação*, ocupando um *tempo* e um *espaço*, traduzidos em acontecimentos de amor, esperança e libertação:

[Ao] falar da religião da Encarnação, da religião que se situa no mesmo terreno do que somos, encontro nessa definição de Sartre, de maneira muito precisa, a intuição cristã - ousaria dizer, a epistemologia - da Redenção. Trata-se, em última análise, de uma salvação que não vem para fazer um atalho ignorando de forma arrogante as circunstâncias e condicionamentos do ser humano, mas sim **uma salvação que vem ocupar seu lugar, 'plantar sua tenda' no próprio lugar do obstáculo**. Para o cristianismo, salvar significa, antes de tudo, reencontrar as coisas onde elas estavam. **Deus não vem nos salvar fora de nossa condição: Ele a torna sua**. Ele a assume conforme o que essa condição tem precisamente de deteriorada.<sup>40</sup>

É exatamente a partir dessa tangibilidade que a proclamação do Evangelho ganha os contornos de uma verdadeira *experiência mística*. Da *nossa condição* Ele faz a *Sua condição*. Deus é presente na Sua *Boa Nova*. Algo radicalmente novo é anunciado. A Palavra é encarnada, viva, de tal modo que o *anúncio* envolve e transforma quem prega e quem escuta. O *Kérygma* é um contínuo processo de encarnação da Palavra.

É da *experiência querigmática* que brota a *Fé* como *dádiva* (Rm 10.17) e é a partir dela que também se vê nascer a *comunhão* (1Co 1.9). O *anúncio* é alimento que colhe contínua *conversão* e *renovação*. O *Kérygma* é fonte permanente de Encontro com a *Palavra Viva*, do Cristo que *anima* as Escrituras<sup>41</sup>. As parábolas e narrativas

<sup>40</sup> GESCHÉ, Adolphe. **El Sentido**: Dios para pensar VII. Trad. Xabier Pikaza. Salamanca: Sígueme, 2004, p. 106 – grifo nosso – trad. nossa.

<sup>41</sup> No cotejo com as Escrituras, podemos pensar a Experiência de Deus como ato primeiro. Já o processamento subjetivo desse Encontro, por quem o experimenta, seria ato segundo. O esforço da pessoa por registrar a 'sua' experiência em linguagem, escrita ou falada, seria então ato terceiro. Consequentemente, o testemunho oral ou escrito a ser interpretado por nós formaria um quarto ato ou movimento. Diante da inefabilidade da Experiência de Deus, intui-se que mesmo o sujeito direto da experiência sagrada não possui domínio completo acerca do que lhe sucedeu, necessitando interpretar, elaborar e reter o que lhe pareceu inexprimível, ainda que munido de uma linguagem semanticamente aberta. Ou seja, partindo deste ato segundo (subjetivo), a elaboração da mensagem encontrará no registro da linguagem as condicionantes do seu próprio tempo e espaço, por mais objetiva que, em um primeiro momento, possa parecer. Ela se historiciza (ato terceiro). Porém, como *fenômeno*

que anunciam a Jesus são fontes abundantes de vida e experiências místicas. Novas formas e possibilidades de relação com a Mensagem são estabelecidas e o anúncio do Amor de Deus paira acima de todo *tempo e espaço*: *somos personagens reais dessas histórias*, e as interpretamos a partir de nossa própria época e lugar.

A Escritura [...] não é nenhum sistema [...], mas um relato sobre o encontro de Deus com o homem. Com homens do tempo de Cristo, nos quais, todavia, todos os demais estão incluídos. A Escritura, no entanto, relata e contém uma história e um evento arquetípicos, e somente a partir dela cada vida individual se torna verdadeiramente histórica e atual. A contemplação da Escritura é a escola da justa escuta, e a escuta da fonte original de toda a vida e oração cristãs.<sup>42</sup>

Ou seja, a proclamação do Evangelho também concretiza uma genuína ‘*mística escriturística*’, pois alcança todas as pessoas, sem quaisquer exigências morais ou religiosas. O *querigma* opera antes de toda elaboração argumentativa ou pretensão sistemática. É manifestação de Graça e Presença:

[uma vez que a Palavra] ressoou em meio ao mundo, na plenitude dos tempos, ela surgiu com uma força tal que todos são atingidos igualmente, de modo imediato, e ninguém foi desfavorecido por nenhum tipo de distanciamento, seja temporal ou físico. [...] Todos somos, nas Escrituras, interlocutores igualmente reais de Jesus e do drama da criação. Os personagens das narrativas bíblicas em nada se distinguem de nós. ‘Eles simplesmente estavam onde qualquer um outro poderia ter estado, ou melhor: onde qualquer um, na verdade, está.’ [...] Na passagem da Samaritana, [...] [Jesus] fala, certamente, com uma mulher, mas nela, ao mesmo tempo, com cada pecadora e com cada pecador. Não foi apenas para ela que Jesus sentou-se, cansado, na beira do poço: *quaerens me sedisti lassus*! Por isso, não é nenhum mero ‘exercício piedoso’ quando, em espírito, me coloco ao lado daquela mulher, assumo o seu papel. E não é que eu apenas posso desempenhar o seu papel: eu tenho de desempenhá-lo.<sup>43</sup>

O Reino de Deus nos é aberto por meio da vivência da *proclamação*, e o Encontro *na Palavra* nos conduz ao inseparável *compromisso* com toda a espécie de vida, sua ética, afeto e cuidado. Cada um é chamado a dar uma resposta *concreta* diante do Evangelho como *a sua* experiência de Cristo e de transformação.

---

*místico*, o registro da experiência proporcionada pelo Espírito segue por Ele conduzido até chegar a nós. Então, inversamente, e somente por esse mesmo *Espírito do Cristo Experimentado*, reaproximamo-nos do significado daquela experiência historicizada, atentos às suas contingências de época, lugar e subjetividade, para alcançar a *Palavra de Deus* em nós (a *Palavra Viva*) numa nova história, com época, lugar e subjetividade distintas. Poder olhar a realidade bíblica sob esse prisma, longe de qualquer precisão, acautela-nos frente às seduções dogmáticas e da *letra* que mata (2 Co 3.6).

<sup>42</sup> BALTHASAR, Hans Urs von. **A oração contemplativa**. São Paulo: Paulus, 2019, p. 23.

<sup>43</sup> BALTHASAR, 2019, p. 12.

Por isso, aquele/a que tem os *pés no chão* e acolhe as alegrias e lágrimas do mundo, que mantém seus braços estendidos em amor e compaixão, é o/a que se torna permeável ao Espírito de Deus. É essa pessoa que permite, *com o seu gesto e atitude* reverente e de profunda atenção, que a sabedoria das Escrituras imprima o caráter de Cristo como sendo as suas próprias marcas de conversão e devoção. No testemunho, o *Kérygma* se funde com a vida permeada pelo Amor doador, desafiando as normas e fórmulas, inclusive religiosas. O confronto entre *contemplação* e *ação*, presentes nas leituras dualistas, perdem a razão:

A investigação mística moderna é precisamente não teórica; é uma busca por uma experiência pessoal genuína, em oposição ao conhecimento 'teórico'. Muito da apologética cristã moderna explora essa divisão entre o teórico e o experiencial, e apresenta o cristianismo como uma questão de experiência vivida, não de assuntos teóricos abstratos, entre os quais o dogmático muitas vezes é incluído. Nos Padres gregos, no entanto, essa divisão dificilmente pode ser representada em palavras ou conceitos. *Theoretikos* significa contemplativo; ou seja, ver e conhecer de maneira profunda e transformadora. O 'prático', *praktikos* [...], é a nossa luta pessoal com os impulsos e desejos frequentemente desviados, que prepara para o exercício da contemplação, *theoria*; isto é, uma visão desapaixonada e consciente que constitui um conhecimento genuíno, um conhecimento que vai além da informação, por mais precisa que seja - **uma participação real naquilo que é conhecido, no Um que chegamos a conhecer**. A palavra *theoretikos* tornou-se uma das mais comuns no grego bizantino para designar o significado mais profundo das Escrituras, onde nos encontramos envolvidos na contemplação, *theoria*, de Cristo. A vida mística, a vida 'teórica', é o que experimentamos quando somos envolvidos na contemplação de Cristo, quando, nessa contemplação, chegamos a conhecer 'face a face' e, como o Apóstolo Paulo coloca, 'conhecemos como também somos conhecidos' (1 Coríntios 13:12).<sup>44</sup>

### 3.2 Mística e Liturgia

A liturgia, em sua origem grega, reportava-se ao *serviço público*, à contribuição do cidadão para a comunidade<sup>45</sup>. Na dinâmica eclesial, a *Liturgia* retrata a *expressão mística* do nascimento coletivo de Cristo em nós; na criação da "mentalidade fundamental cristã"<sup>46</sup>, que nos une a Deus.

<sup>44</sup> LOUTH, 2007, p. 214 – grifo nosso – trad. nossa.

<sup>45</sup> PETERSON, Eugene. **Coma este Livro**: As Sagradas Escrituras como referência para uma sociedade em crise. Rio de Janeiro: Ed. Textus, 2004. p. 49. Na *Comunhão*, explica Eugene Peterson, a liturgia também evita "que a forma narrativa das Escrituras seja reduzida a um material de consumo privativo e individualizado."

<sup>46</sup> GUARDINI, Romano. **Espírito da Liturgia**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018. p. 86.

Ao tensionar um espaço dramático de assimilação da fé, a liturgia também se abre para múltiplas formas de expressão, não apenas estritamente *cultuais*, mas igualmente *culturais*<sup>47</sup>.

*A liturgia inaugural da fé cristã é, porém, a Ceia do Senhor.*

A *Partilha do Pão* envolve uma manifestação de serviço (*Diakonia*), sendo igualmente *memória querigmática*<sup>48</sup>. Como *ação/dramatização*, esta celebração imprime, de modo pessoal e comunitário, o *caráter solidário* de Cristo, ao mesmo tempo em que se volta para revigorar as condições físicas e psíquicas (*espirituais*) através da Boa-Nova e do alimento<sup>49</sup>. A Ceia, em seu *mistério*, é *presença* de Jesus Cristo. Celebra perdão, arrependimento e uma Nova Vida (Salvação). A *eucaristia* se levanta como paradigma de toda *Liturgia*.

Apesar da íntima aproximação da liturgia cristã com as Escrituras, fruto da *tradição judaica* que tinha na *leitura bíblica* o núcleo do seu *culto*<sup>50</sup>, Johan Konings destaca que a Modernidade Ocidental *retirou a Bíblia do centro da liturgia comunitária*, transformando-a em uma ‘entidade autônoma’, um *objeto sagrado*<sup>51</sup>.

O caminho oposto a esse movimento pode ser encontrado, por sua vez, precisamente na recuperação da **atenção contemplativa** em torno das Escrituras. A *atenção profunda* está aberta ao *mistério* acessível na *experiência bíblica*, na medida em que nela se busca e se reconhece, coletivamente, a Cristo, a Palavra Viva.

---

<sup>47</sup> A manifestação litúrgica está na música, na arquitetura, na pintura, na escultura, nos gestos, nas vestes, nas orações, nos cantos, nas procissões, nos Salmos, nas consagrações, nas festas, nas celebrações, nas brincadeiras, no silêncio, no descanso, no protesto, nos sacramentos... Também está nas mais variadas expressões culturais fora do espectro institucionalizado, mas que refletem essa *formação de Cristo em nós*. A liturgia encontra-se igualmente em coisas simples e ordinárias: um café que se aprecia pela manhã; uma palavra de afeto e acolhimento. Vai do canto do pássaro à estrela que cintila. *Onde Cristo está presente*, ali pode ser *percebida e celebrada* uma liturgia.

<sup>48</sup> Podemos ver na *Fração do Pão* um serviço (*Diakonia*), uma celebração (*Liturgia*) ou mesmo o próprio anúncio (*Kérygma*).

<sup>49</sup> Distanto da maioria das práticas atuais, a *Ceia do Senhor* buscava alimentar fisicamente os seus participantes (era uma *refeição*) e nutrir a alma com a Palavra e a *Memória* de Jesus, estimulando um novo modo de viver em sociedade.

<sup>50</sup> Jesus tinha, consoante Johan Konings, uma postura crítica em relação ao serviço religioso judaico de sua época, em face do forte formalismo e hipocrisia reinantes. Jesus irá reinterpretar o *culto*, para dizer que *este somente se efetiva quando revela a misericórdia de Deus* (Mc 2.23-28; 3.1-6) e *subordina o sacrifício ao perdão* (Mt 5.23-24), numa *simplicidade* que implica até a desnecessidade do Templo religioso. KONINGS, Johan. **Bíblia e Liturgia, uma simbiose**. In: Enciclopédia Digital Theologica Latinoamericana, 2020. Disponível em <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1976>, acesso: 21.05.24.

<sup>51</sup> KONINGS, 2020. Esta constatação, por sua vez, está na base tanto do *isolamento* das Escrituras de sua *codependência* comunitária, quanto de sua elevação a uma categoria, de certa forma, *idolátrica*.

Conforme já mencionado, a *postura contemplativa* tem a virtude de nos inserir *dentro* das Escrituras, de modo a torná-las em um espaço de *Encontro* pessoal com Deus.

Contudo, mesmo a leitura bíblica piedosa, dedicada e devocional, não é um fim em si. Embora *imprescindível*, todo o *processo litúrgico* objetiva *ceder o seu lugar*, juntamente com suas representações, símbolos e narrativas para algo que apenas se *entrega* à esfera do sagrado; da União com Deus<sup>52</sup>. Assim, se é certo que as expressões litúrgicas falam ao corpo, dentro do conjunto intelecto/emoções/sentidos, ao mesmo tempo elas apontam para a insuficiência de toda a linguagem diante de Deus. A *espiritualidade litúrgica* e a *corporeidade* são inseparáveis pela lógica da encarnação. A busca se volta para que cada um participe e presencie *no seu corpo*, que está no Corpo de Cristo (*comunitário*), o espírito do anúncio (*Kérygma*), como lugar de revelação e Experiência de Deus. Uma *Relação*. Um Encontro em direção da Presença Divina.

De outro lado, Byung-Chul Han percebe que há nos rituais litúrgicos um caráter estruturante e estabilizador da vida ao proporcionarem a *noção de processo*. A *processualidade litúrgica* é essencial para o encerramento e repetição de ciclos – incluída a necessária compreensão da *morte* –, que sedimenta o *estar-no-mundo* do humano. Han observa que os rituais criam uma “comunidade sem comunicação”<sup>53</sup>, alcançando o *silêncio devocional* o auge da prática contemplativa, pois o “[...] silêncio deixa escutar. Ele vem acompanhado de uma sensibilidade particular, de uma **atenção profunda**”<sup>54</sup>, imprescindível tanto à religião quanto à cultura.

A liturgia, portanto, é fundamental para a construção da identidade coletiva e pessoal cristã, opondo-se à *fragmentação* da vida social e individual. Ela conecta as pessoas a uma história e uma comunidade maiores, proporcionando *transcendência*

---

<sup>52</sup> Nesse estágio, inclusive o *simbólico* ou o *metafórico* começam a não mais conformar exatamente o que se pretende aportar como ‘*místico*’. O *estado contemplativo*, em última instância, tende a anular todas as representações, formas e linguagens. A *mística* caminha para a contemplação de Deus onde toda a imagem está ausente: “o degrau mais elevado da oração é a união silenciosa com o mais profundo da alma, onde o próprio Deus repousa sem qualquer imagem”. GRÜN, Anselm. **As exigências do Silêncio**. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 84-85). Daí asseverar Merton que quando saímos para encontrar Deus na solidão, “Aí nos comunicamos com Ele só, sem palavras, sem pensamentos discursivos, no silêncio de todo o nosso ser.” MERTON, Thomas. **Homem Algum é uma Ilha**. Campinas: Versus, 2003. p. 214.

<sup>53</sup> “Rituais são ações simbólicas. Transmitem e representam todos os valores e ordenamentos que portam uma comunidade. Geram uma comunidade sem comunicação, enquanto hoje predomina uma comunicação sem comunidade. A percepção simbólica é constitutiva dos rituais”. HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais**: Uma topologia do presente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p. 9.

<sup>54</sup> HAN, 2021, p. 63.

e *comunhão*. A mística, presente nos *ritos litúrgicos cristãos*, oferece equilíbrio à inquieta temporalidade e superficialidade modernas, reorientando as pessoas para valores e significados mais profundos, tornando-se arquetípica<sup>55</sup>.

De semelhante modo, a liturgia, ao nos conectar com a *interiorização* de nosso ser em Cristo, é curativa por meio das posturas e gestos corporais. Os *gestos puros*, ensina Anselm Grün, também têm caráter arquetípico e “correspondem ao parâmetro básico do ser humano”<sup>56</sup>:

Quando nos afastamos do nosso parâmetro básico, ficamos doentes. Quando as figuras erradas tomam forma dentro de nós. Elas nos desfiguram. Os gestos puros fazem reaparecer a nossa figura originária. Eles nos mostram como fomos idealizados. E nos livram de posturas equivocadas e enfermidades.<sup>57</sup>

A liturgia nos auxilia, enfim, a sentir e a compreender o humano como *um em si mesmo* e *um* com o sagrado, de tal modo que o “rezar dilata-se através do agir corporal e comunitário, revelando-se [...] a unidade de toda a realidade”<sup>58</sup>:

A liturgia é um agir simbólico. O símbolo como quinta-essência da unidade entre o espiritual e o material perde-se onde ambos se separam, onde o mundo se divide de modo dualista em espírito e corpo, em sujeito e objeto. Guardini estava profundamente convicto de que o homem é espírito no corpo e corpo no espírito e que, portanto, a liturgia e o símbolo o levam à essência de si mesmo, conduzindo-o finalmente à verdade através da adoração.<sup>59</sup>

### 3.3 Mística e *Diakonia*

<sup>55</sup> Bingermer afirma que “muitos de nossos contemporâneos, desligados de toda afiliação religiosa, vivem a sua vida sem referi-la em nada aos símbolos e categorias com que se interpretam os sujeitos religiosos” BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Mística e secularidade: impossível afinidade?** Revista Horizonte, v 12, n 35, jul./set. 2014, p 856. A questão que se coloca é: não se detendo a *Experiência de Deus* diante da *rejeição simbólica religiosa*, qual seria a consequência imediata desse esvaziamento *litúrgico-escriturístico* para a Mística Cristã? A *privatização* da *experiência* torna-se problemática, pois, na medida em que *não* há uma interface entre as representações do *imaginário do inconsciente coletivo*, presentes nas religiões/tradições espirituais, o caminho para a *indivuação* é dificultado pela ausência de *meios* coordenadores (arquetípicos), pertencentes notadamente ao inconsciente coletivo. Fica-se, igualmente, sem articulação comunicativa, necessária ao compartilhamento e produção de uma comunidade *solidária*. Sem arcabouço simbólico coletivo, não se aprende com aqueles que vieram antes de nós, transformando-se esses eventos, quando muito, em práticas isoladas e motivacionais/de autoajuda que tentem a perder toda a *profundidade*, e onde “a verdade última é construída pelo próprio sujeito.” BINGEMER, 2014, p. 870.

<sup>56</sup> GRÜN, Anselm. **Rezar com o corpo**: o poder curativo dos gestos. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 30.

<sup>57</sup> GRÜN, 2016. p. 30.

<sup>58</sup> Do *prefácio*, escrito por Bento XVI. GUARDINI, 2018, p. 7.

<sup>59</sup> Do *prefácio*, escrito por Bento XVI. GUARDINI, 2018, p. 7.

O desenvolvimento do conceito de *Diakonia* ("serviço" ou "ministério") abrange, no contexto cristão, uma ascese de humildade, despojamento e doação, que tem na vida de Jesus de Nazaré o seu modelo. Como expressão *concreta* de amor ao *próximo*, a diaconia retrata uma evangelização sem palavras (querigma), sendo, acima de tudo, *relação* e Presença de Deus:

A mística cristã é mística da pequenez, da simplicidade, sabendo que, como no caso de Jesus, a pequenez é a epifania do Reino. Uma mística da encarnação, cuja dinâmica é o chamado a 'misturar-se com' (Mc 2,1-12; 3,16-17; Jo 2,1-12), num total escondimento.<sup>60</sup>

Jesus se identificava como um servo (Mc 10.45). Dele aprendemos que, para *servir*, devemos primeiro *ouvir* e, para ouvir, *silenciar*. Isso significa que as demandas captadas na diaconia não partem das nossas concepções do que é necessário, mas do que o *outro* coloca como necessidade<sup>61</sup>. O *ego limitado* sempre é confrontado pelo servir.

A experiência de fazer-se servo, observa Odécio Carlligaris, leva-nos à *superação do egocentrismo*, pois devemos *parar* e *perceber* o “que está acontecendo com as pessoas ao [...] redor”<sup>62</sup>. A *Diakonia* nos possibilita exercer uma *atenção detida* em relação àqueles que nos cercam, bem como às suas demandas e anseios. Como ponto central, a *Diakonia contempla* uma realidade espiritual que é o encontro com o próprio *Cristo*, que vive e habita no outro (Mt 25.35-40; 1Cor 6.19; Gl 2.20; Jo 17.21).

Conforme ensinam João Stumpf, Louis Illenseer e Rodolfo Gaede Neto, a “maioria das celebrações litúrgicas que a igreja dos primeiros séculos conheceu foram espaços solidários, de formação e realização diaconal”<sup>63</sup>, de tal modo que o “ministério de Jesus só pode ser compreendido a partir da perspectiva do serviço para a humanidade, ou seja, da diaconia”<sup>64</sup>.

Jesus curava, alimentava, confortava e apresentava uma esperança às pessoas que o circundavam. Ao passo que agia concretamente na vida dos necessitados, voltava também a sua voz para uma direção mais abrangente: sua *fala*

<sup>60</sup> COSTA, Odécio Carlligaris da. **A Mística do Diaconato Permanente**. Encontros Teológicos, nº 54, ano 24, n 3, 2009, p. 79.

<sup>61</sup> V. Lc 18.41.

<sup>62</sup> COSTA, 2009, p. 82.

<sup>63</sup> STUMPF, João Henrique; ILLENSEER, Louis Marcelo e GAEDE NETO, Rodolfo. **Ora et Labora: a relação indissociada entre liturgia e diaconia em diálogo com desafios contemporâneos**. Rev. Reflexus, ano XIII, nº 21, 2019/1, p. 16.

<sup>64</sup> STUMPF; ILLENSEER; GAEDE NETO, 2019, p. 20.

*profética denunciava o centro do poder* (religioso, econômico e político), escancarando sua falta de *solidariedade, corrupção e hipocrisia*. Daí porque a diaconia de Jesus não é um mero *assistencialismo*, mas uma ação transformadora e profética, “atenta e corajosa em denunciar as estruturas, sistemas e lógicas, que privam as pessoas [...] de acessarem a vida sonhada por Deus em cada pessoa”<sup>65</sup>.

Conforme já referimos, a conexão *liturgia-diaconia-querigma* pode ser claramente notada na Ceia do Senhor<sup>66</sup>. As *refeições comunitárias eucarísticas* consistiam em *memória* da Boa Nova de Cristo e anúncio de sua Salvação. Eram *querigmáticas*. Celebradas ao final do dia, estavam também abertas àqueles que ainda não se encontravam integrados à Comunidade. A Ceia saciava a fome de gente sofrida que, não raro, tinha naquele momento a sua única refeição substancial do dia<sup>67</sup>. Ou seja, a “liturgia era diaconal, e a diaconia era litúrgica”<sup>68</sup>.

Na conhecida parábola do *Bom Samaritano* de Lucas 10.25-37, Jesus conta que os representantes da religião não socorreram o *próximo* caído na estrada. No entanto, justamente aquele que era *rejeitado pela ortodoxia* foi o que aliviou a aflição do homem espancado que jazia à beira do caminho. Usando o *óleo* para aplacar a dor e o *vinho* para a assepsia (elementos de *libação* da *liturgia* judaica), o *verdadeiro culto* foi prestado ali na sarjeta da rua, sem Templo, cantos ou leituras: o mestiço e ‘herético’ samaritano *serviu* ao próximo com *amor, generosidade e solidariedade*. Deus foi *adorado*. Aqui se encontra todo o culto cristão.

Stumpf, Illenseer e Gaede Neto destacam que, com o passar do tempo, os aspectos litúrgicos e diaconais da Ceia começaram a se distanciar nas práticas religiosas, com *danos comunitários* mútuos<sup>69</sup>. Esse fato, também sentido em outras atuações litúrgico-diaconais, bem demonstra a crescente *dicotomia* que o *dualismo* imprimiu na mentalidade do cristianismo ocidental. No caso da Ceia, o alimento servido à mesa deixou de ter uma de suas aplicações voltada para a saciedade do *corpo*, de apelo social, para tornar-se num elemento *espiritualista e fragmentado*, de estrito uso religioso.

---

<sup>65</sup> STUMPF; ILLENSEER; GAEDE NETO, 2019, p. 21.

<sup>66</sup> *Diakonein* é, literalmente, ‘servir à mesa’. STUMPF; ILLENSEER; GAEDE NETO, 2019, p. 19.

<sup>67</sup> Confira o significado da *ceia indigna* de 1Co 11.17;34 em GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia e cuidado nos primeiros séculos do Cristianismo**. Rev. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 55, n.2, jul., 2015, p. 318, *apud* STUMPF; ILLENSEER; GAEDE NETO, p. 24.

<sup>68</sup> STUMPF; ILLENSEER; GAEDE NETO, 2019, p. 23.

<sup>69</sup> STUMPF; ILLENSEER; GAEDE NETO, 2019, p. 25.

Na diaconia, contudo, há uma forte ligação entre *reflexão, contemplação e prática*. Ela é um tipo de *testemunho por meio de atos*, onde tanto aquele que serve como quem é servido são transformados pela atuação diaconal<sup>70</sup>. *Não há polos ou hierarquizações*. Não se trata de um *forte* que serve e de um *fraco* que é servido. Na diaconia, sustenta Kjell Nordstokke, o que há é *comunhão*: uma *relação de mutualidade*, que é *um com o outro*. Trata-se de um *compartilhamento* que afeta as esferas *pessoais, interpessoais e socioestruturais* de todos os envolvidos.

Isso redundará numa *consciência iluminativa*, de *atenção contemplativa e profunda*, que nos predispõe para novas dimensões da *existência*, pois, *no outro* e *no mundo*, *não apenas encontro o Cristo como símbolo, mas, de fato, ali está Jesus e a Sua Criação*. Não se trata de um simples exercício imaginativo. Deus é presente. Restauração e cura, pessoal e estrutural, são promovidas. E onde se cura, “a justiça é restaurada”<sup>71</sup>, o Reino é chegado. Não há plena *experiência de Cristo* fora da *Diakonia*. Amamos a Deus contemplando-O na face de nossos irmãos e irmãs (1Jo 4.20). Amamos a Deus no *serviço* de cuidado com a criação, que nos provê *subsistência e habitação*.

## 5 Considerações finais

A *Mística* de que aqui nos ocupamos não é definida pelo *extraordinário*, mas pela *atenção*.

A *Experiência de Deus* está enraizada no dia a dia. É marcada principalmente pelo que é repetitivo e previsível. No tédio reside uma parte essencial da vida e da jornada espiritual e somente por meio de um *olhar atento* evitaremos a acídia e o embrutecimento.

A *Mística Cristã* estabelece a sua morada no *presente*, onde nos conectamos com a realidade ao nosso redor e, ao mesmo tempo, encontramos a nós mesmos. São as situações *ordinárias* da vida que mais demandam uma *atenção contemplativa*. Deus está no dia (*dies, dyeu/diwos*), no hoje, no momento.

---

<sup>70</sup> NORDSTOKKE, Kjell. **Diaconia** – uma perspectiva ecumênica e global. Rev. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 45, n.1, 2005, p. 16.

<sup>71</sup> NORDSTOKKE, 2005, p. 19.

A *experiência mística* parte de uma **atenção profunda**, de tempo *presente*, que percebe e se apercebe. Volta-se *para o interior ao mesmo tempo que se abre para o mundo*. É uma atenção alongada, paciente, que se *aquieta* para ouvir. Sabe aguardar.

Se há algo de ‘extraordinário’ na *mística* é a sua exigência por *atenção*, pois a **atenção da atualidade** não mais contempla. Ela é acelerada e superficial. Liga-se à *sobrevivência*. Enquanto a *hiperatenção* se encontra em meio às exigências do desempenho, da produção e do consumo, a *atenção contemplativa* é profunda, demorada e silenciosa.

Na *contemplação cristã*, descobrimo-nos indivisos, corporais e com um centro distinto do *eu egóico*. A *contemplação* nos permite *transcender* ao mesmo tempo em que uma *unidade* é revelada, confirmando o *corpo* como morada do Espírito.

*Corporeidade, Transcendência e Integralidade* envolvem a *Mística Cristã*. Há *Transparência*. A *postura contemplativa* nos sensibiliza a reconhecer na **Koinonia** muito mais do que um grupo de pessoas. No **Kérygma**, Jesus é testificado como nosso verdadeiro *Eu* e *Palavra Viva*; na **Liturgia**, a experiência do Espírito transforma a Comunidade – e a cada um – ultrapassando todas as plasticidades rituais; na **Diakonia** estamos frente ao próprio Jesus na vida do *outro*. Em todas essas dimensões, o *falso eu* é destronado e Cristo, passo a passo, torna-se tudo em todos (Col 1.17-19; 1Co 15.28).

Somos então *um com Deus* e *um com o próximo*. Somos *um em nós mesmos* e *um com a natureza*. Somos *Um* sem estarmos em nada dissolvidos.

Desarraigados do *egocentrismo*, interiorizamos o *nós*. No *serviço*, na *proclamação* e na *celebração* temos reais possibilidades de *superação do falso eu*, de deixar emergir Cristo como nosso verdadeiro *centro*, e experimentá-Lo no ordinário da vida, em comunidade.

Conforme orienta Bingemer, a redescoberta das fontes de experiências transcendentais de *comunhão com o mistério da vida* encontra-se hoje no centro do *movimento espiritual*. A “**atenção plena**, o **ouvir e silenciar**, a **contemplação** e experimentar a **comunhão na carne** que celebra o espírito”<sup>72</sup> são as chaves

---

<sup>72</sup> BINGEMER, 2014, p. 865 – grifo nosso.

necessárias para a sua compreensão. A revalorização da *Mística Cristã* passa pela recuperação desses espaços na prática da fé comunitária.

É precisamente nesse sentido que a *tradição mística* oferece percepções e vivências valiosas para que o Encontro com o Sagrado siga o seu caminho de liberdade, abertura e redenção. Como referência de disciplinas que colaboram para esse despertar, podemos citar, entre tantas, o *silêncio devocional*, a *leitura orante* e a *oração do coração*, às quais se pode integrar, sem contrariedades, os protocolos da Atenção Plena (*mindfulness*), especialmente por convergirem no desenvolvimento de uma predisposição psíquica una do ser humano<sup>73</sup>.

*Celebrada e anunciada* em comunidade, a abertura para a dimensão contemplativa cristã é uma grande oportunidade para a renovação da *expressão* e da *linguagem* do evangelho na pós-modernidade.

## Referências

- ADAM, Júlio César; REINER, Michael Richard. **Silêncio e Mindfulness**: perspectivas para o desenvolvimento de uma espiritualidade cristã. Rev. Pistis Praxis, [S. l.], v. 14, n. 3, dez. 2022.
- BALTHASAR, Hans Urs von. **A oração contemplativa**. São Paulo: Paulus, 2019.
- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e Espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Mística e secularidade**: impossível afinidade? Horizonte, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 851-885, jul./set. 2014.
- BOFF, Leonardo. Entrevista: **A razão sensível**. Revista Página 22, out. 2014.
- BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus**: A Transparência de Todas as Coisas. Campinas: Verus, 2002.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. 3ª ed. ver. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- COSTA, Odécio Carlligaris Gomes da. **A Mística do Diaconato Permanente**. Encontros Teológicos nº 54, Ano 24, número 3, p. 71-84, 2009.
- GESCHÉ, Adolphe. **El Sentido**: Dios para pensar VII. Trad. Xabier Pikaza. Salamanca: Sígueme, 2004.

---

<sup>73</sup> Acerca dessa perspectiva, v. ADAM; REINER, 2022.

GRÜN, Anselm. **As Exigências do Silêncio**. Trad. Carlos Almeida Pereira. 11ªed. 3ª reimp. Petrópolis: Vozes, 2021.

GRÜN, Anselm. **Mística**: descobrir o espaço interior. Trad. Luiz de Lucca. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GRÜN, Anselm. **Rezar com o corpo**: o poder curativo dos gestos. Trad. Nélío Schneider. Petrópolis: Vozes, 2016.

GRÜN, Anselm; BOFF, Leonardo. **O Divino em nós**. Trad. Markus A Hediger. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUARDINI, Romano. **Espírito da Liturgia**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais**: Uma topologia do presente. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2ª ed. Trad. Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Vida Contemplativa**: Elogio de la inactividad. Barcelona: Penguin, 2023.

JUNG, C. G. **Espiritualidade e Transcendência**: Seleção e edição de Brigitte Dorst. Trad. Nélío Schneider. 6.ª reimp. Petrópolis: Vozes, 2021.

KONINGS, Johan. **Bíblia e Liturgia, uma simbiose**. In: Enciclopédia Digital Theologica Latinoamericana, 2020.

LOSSO, Eduardo Guerreiro; BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcos Rei. **A Mística e os Místicos**. Petrópolis: Vozes, 2022.

LOUTH, Andrew. **The Origins of the Christian Mystical Tradition**: From Plato to Denys. 2nd. Ed. Oxford: Oxford University Press, 2007.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. **Deus Ineffabilis**: uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos. São Paulo: É Realizações, 2016.

MERTON, Thomas. **Homem Algum é uma Ilha**. Trad. Timóteo Amoroso Anastácio. Campinas: Versus, 2003.

NORDSTOKKE, Kjell. **Diaconia** - uma perspectiva ecumênica e global. Estudos Teológicos, v. 45, n. 1, p. 5-20, 2005.

PANIKKAR, Raimon. **Ícones do Mistério**: A experiência de Deus. São Paulo: Paulinas, 2007.

PETERSON, Eugene. **Coma este Livro**: As Sagradas Escrituras como referência para uma sociedade em crise. Rio de Janeiro: Ed. Textus, 2004.

STUMPF, João Henrique, ILLENSEER, Louis Marcelo; GAEDE NETO, Rodolfo. **Ora et Labora**: a relação indissociada entre liturgia e diaconia em diálogo com desafios contemporâneos. Reflexus - Ano XIII, n. 21, 2019/1.

VAZ, Henrique C. Lima Vaz. **Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2015.

WILDT, Bert te e SCHIELE, Timo. **Burn On**: Immer kurz vorm Burn Out: Das unerkannte Leiden und was dagegen hilft. Munique: Droemer HC, 2021.